

Anarosa Alves Franco Brandão^a 
Leila Posenato Garcia^{b*} 
Luísa Veras de Sandes-Guimarães^c 

^a Universidade de São Paulo, Escola Politécnica, Departamento de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais. São Paulo, SP, Brasil.

^b Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho, Escritório Avançado em Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

^c Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios. Osasco, SP, Brasil.

* Editora-Chefe da RBSO

Contato:

Leila Posenato Garcia

E-mail:

leila.garcia@fundacentro.gov.br

Como citar (Vancouver):

Brandão AAF, Garcia LP, Sandes-Guimarães LV. Inteligência artificial na elaboração de artigos científicos: usos, limites e boas práticas. Rev Bras Saude Ocup [Internet]. 2026;51:e29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/nt126pt2026v51e29>

Inteligência artificial na elaboração de artigos científicos: usos, limites e boas práticas

Artificial intelligence in the preparation of scientific articles: uses, limits, and best practices

Resumo

O uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) está transformando a forma como pesquisas são planejadas, conduzidas, escritas e revisadas, oferecendo oportunidades, mas também impondo limites, particularmente relacionados à integridade científica. Esta nota editorial aborda os usos e os limites das ferramentas de IA na elaboração de artigos científicos. As principais possibilidades de uso incluem apoio à escrita e edição, tradução, seleção de periódicos, revisão da literatura, gestão de citações e referências, produção de sínteses e visualizações. Por sua vez, os limites se relacionam à falta de criatividade, perpetuação de preconceitos e desigualdades (vieses), risco de alucinações (informações falsas), questões de originalidade e propriedade intelectual, e responsabilidade autoral. Orienta-se para a adoção de boas práticas no uso das ferramentas de IA na elaboração de artigos científicos. Tal uso deve ser pautado pela transparência, supervisão humana e responsabilidade, deve ser declarado aos editores no momento da submissão do artigo e, quando pertinente, mencionado no próprio artigo. Embora as ferramentas de IA sejam assistentes úteis na elaboração de artigos científicos, elas não devem substituir o pensamento crítico e o conhecimento científico do pesquisador.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Inteligência Artificial Generativa; Ética na Publicação Científica; Comunicação Acadêmica.

Abstract

The use of artificial intelligence (AI) tools is transforming how research is planned, conducted, written, and reviewed, offering opportunities but also imposing limitations, particularly regarding scientific integrity. This editorial note addresses the uses and limitations of AI tools in the preparation of scientific articles. Key possibilities include support for writing and editing, translation, journal selection, literature review, citation and reference management, and the production of summaries and visualizations. Conversely, the limitations relate to a lack of creativity, the perpetuation of biases and inequalities, the risk of hallucinations (false information), issues of originality and intellectual property, and authorial responsibility. It advocates for the adoption of best practices in the use of AI tools in the preparation of scientific articles. Such use must be guided by transparency, human supervision, and accountability; it must be disclosed to editors at the time of article submission and, when relevant, mentioned in the article itself. Although AI tools are useful assistants in the preparation of scientific articles, they should not replace the researcher's critical thinking and scientific knowledge.

Keywords: Artificial Intelligence; Generative Artificial Intelligence; Scientific Publication Ethics; Scholarly Communication.



Introdução

Embora o desenvolvimento das ferramentas de inteligência artificial (IA) remonte a meados do século XX, foi somente a partir do início dos anos 2020 que seu uso se tornou disseminado. Isso só foi possível devido à evolução de tecnologias relacionadas às tarefas de processamento de linguagem natural (PLN), em particular aquelas referentes aos grandes modelos de linguagem. Pesquisas focadas na tarefa de completar e traduzir textos foram responsáveis por esse avanço, ao inserir a ideia de atenção ao contexto de pequenos fragmentos de texto¹. A partir do treinamento de grandes volumes de dados de texto, a máquina aprende padrões e pode sugerir a próxima palavra a ser digitada, tendo em vista as palavras digitadas anteriormente, ou a tradução de frases inteiras, ou ainda a resposta a uma pergunta feita num *chat*. Porém, essa sugestão é puramente probabilística, o que indica que a máquina não consegue identificar o significado de nenhum texto que entrega ao usuário. Bender e colegas usaram o termo papagaio probabilístico (ou estocástico) como metáfora para o resultado apresentado pelos serviços inteligentes que resolvem tarefas de PLN. Um papagaio consegue repetir a fala humana, mas não entende o que fala². Assim, o PLN é feito sem que haja o entendimento da linguagem natural. Por esse motivo, podem ocorrer alucinações, que são respostas gramaticalmente corretas e contextualmente plausíveis, porém absolutamente incorretas.

Chatbots e outras ferramentas de IA generativa foram disponibilizados de maneira ampla e seu uso se tornou massivo, impulsionado por fatores como a existência de grandes quantidades de conjuntos de dados para treinamento dos modelos, a evolução da infraestrutura tecnológica e o maior poder de processamento dos computadores^{3,4}. A facilidade de uso dos serviços de diálogo disponíveis e a sensação de que a conversa flui como se um humano estivesse respondendo trazem consigo uma falsa impressão de segurança nas respostas fornecidas, pois o texto é gramaticalmente impecável e contextualmente plausível, principalmente se o humano envolvido não domina o assunto da conversa. Por outro lado, o domínio do tema a ser dialogado com tais serviços é um aliado poderoso na produção de novos conhecimentos.

No meio acadêmico, inicialmente, o uso das ferramentas de IA para a produção de textos gerou controvérsias^{5,6}. Porém, logo ficou claro que proibir o seu uso não era a solução. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – Unesco⁷), assim como outras entidades, passou a trabalhar para produzir normas e orientações visando promover o uso responsável das ferramentas de IA. O Comitê Internacional de Editores de Periódicos Médicos (*International Committee of Medical Journal Editors* – ICMJE) atualizou suas Recomendações para a condução, relato, edição e publicação de trabalhos acadêmicos em periódicos médicos, em maio de 2023, para contemplar o uso de ferramentas de IA. O ICMJE forneceu orientações sobre como o uso de ferramentas de IA deve ser informado nos artigos e estabeleceu formalmente que tais ferramentas não podem ser listadas como autores de artigos científicos⁸. As recomendações da Associação Mundial de Editores Médicos (*World Association of Medical Editors* – WAME) se alinham àquelas do ICMJE, reconhecendo que a disseminação do uso de *chatbots* nos artigos científicos alimenta preocupações sobre a falta de autenticidade do conteúdo⁹. A Associação Europeia de Editores Científicos (*European Association of Science Editors* – EASE) publicou recomendações sobre o uso de IA na comunicação científica, contendo orientações para editores, periódicos, entidades editoras, autores e avaliadores de artigos¹⁰.

No Brasil, a Rede SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) lançou, em 2023, um guia sobre o uso de ferramentas e recursos de IA na comunicação de pesquisas. Entre as recomendações aos autores, consta que eles têm liberdade para utilizar ferramentas de IA na preparação, redação, revisão e tradução de seus artigos, porém devem respeitar as regras de atribuição e cumprir com a ética e a integridade científica¹¹.

Em março de 2026, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) instituiu, por meio da Portaria nº 2.664/2026, a Política de Integridade na Atividade Científica, que inclui diretrizes relacionadas ao uso da IA generativa na pesquisa e na publicação¹². Destacam-se a obrigatoriedade da declaração do uso de tais ferramentas em qualquer fase da pesquisa (concepção, redação, análise de dados, submissão), a vedação do uso de ferramentas de IA para a elaboração de pareceres científicos e o reforço à responsabilidade dos autores no uso da IA. Essa política também prevê sanções para os pesquisadores que incorrerem em infrações. Diversas instituições de ensino superior também estão publicando suas políticas internas de uso ético de ferramentas de IA, buscando

traçar diretrizes para docentes, estudantes e profissionais do quadro técnico-administrativo sobre como utilizar as ferramentas visando garantir responsabilidade, transparência, privacidade e proteção de dados.

Em um contexto de rápida evolução das capacidades das ferramentas de IA, com a ampliação de seu uso e o surgimento de normas e orientações, torna-se pertinente fornecer aos autores subsídios para a condução de seus trabalhos. A seguir, serão apresentados alguns usos e limites das ferramentas de IA, com foco na elaboração de artigos científicos. Por fim, orienta-se para a adoção de boas práticas no uso das ferramentas de IA na elaboração de artigos científicos.

Usos das ferramentas de IA na elaboração de artigos científicos

Ferramentas de IA podem atuar como um assistente bastante útil em várias etapas da elaboração de artigos científicos, ajudando os autores a aprimorarem a comunicação de suas pesquisas¹³. A seguir, serão apresentados alguns dos usos potenciais de tais ferramentas.

Redação e edição

Um dos usos mais frequentes das ferramentas de IA no meio acadêmico é como apoio à redação e edição de textos, e existem diversas ferramentas muito boas para essa finalidade¹⁴. A clareza na redação científica é uma obrigação dos autores e as ferramentas de IA, quando empregadas de forma adequada, podem contribuir para isso, ajudando principalmente aqueles menos experientes, ou que não são nativos do idioma no qual o artigo é preparado¹⁵. Os artigos científicos apresentam uma estrutura padrão (IMRD – introdução, métodos, resultados e discussão) e são elaborados com linguagem geralmente impessoal, com o uso de termos e expressões adotados de maneira recorrente na literatura científica, o que favorece a aplicação de ferramentas de IA baseadas em Modelos de Linguagem de Grande Escala (*Large Language Models* - LLMs).

Existem diversas ferramentas que podem auxiliar na redação e edição de textos, visando corrigir erros de digitação e gramática, bem como tornar a linguagem mais clara e mais alinhada ao padrão da redação científica esperado para determinada área do conhecimento. Ferramentas especializadas são capazes de sugerir ajustes diretamente no texto, podendo torná-lo mais adequado para potencial publicação, por exemplo.

Não é recomendado utilizar as ferramentas de IA para a escrita completa de textos, por algumas razões. Primeiro, a IA pode alucinar (esse problema será abordado em maior profundidade a seguir, nas limitações), ou seja, inventar textos que são plausíveis, mas que são incorretos. Caso você seja um especialista que já leu e estudou muito sobre o assunto, saberá avaliar esses potenciais erros, mas muitos têm utilizado esse recurso sem um domínio mínimo da temática, o que pode levar à replicação de erros em publicações, por exemplo. Segundo, ao usar IA para a elaboração completa do texto, há um alto risco de perder a sua voz ou seu estilo textual e reproduzir vieses e vícios de linguagem que tornam a escrita cada vez mais mecânica.

No processo de escrita, sempre tendo em vista o controle humano, as IAs ajudam a destravar e gerar ideias, propor melhorias e revisões ao texto original. Nesse processo, é possível utilizar, além de ferramentas especializadas, ferramentas genéricas (*chatbots*) que podem gerar bons resultados para essas funções a partir de comandos (*prompts*) bem elaborados que indiquem, por exemplo, a persona específica (autor ou revisor de artigo científico em determinada área) e que forneçam uma explicação, ou mesmo exemplos, para que a revisão solicitada do texto seja baseada no padrão da redação científica¹¹.

Tradução

Outro uso bastante frequente é a tradução de textos, seja de artigos inteiros, ou de fragmentos, como o resumo. A partir de um *survey* com pesquisadores de 20 países, Naddaf e Quill afirmam que esse é o principal uso das ferramentas de IA no contexto de pesquisa¹⁶. A utilização de ferramentas de IA baseadas em LLM tem tornado as traduções de textos científicos mais acessíveis. Muitas vezes, um pesquisador que não é nativo no inglês, mas

que tem familiaridade com o idioma, consegue produzir a versão em inglês de seu artigo sem a necessidade de contratar um profissional ou uma empresa especializada em tradução de textos acadêmicos. Assim como para a edição de textos, existem ferramentas específicas e genéricas que podem ser utilizadas para a tradução. O cuidado que se deve ter aqui é com termos sem equivalência direta e que podem ser mantidos no idioma original para não perderem o seu contexto.

Seleção de periódicos

A seleção do periódico para o qual o artigo será submetido é uma etapa importante, que deve idealmente anteceder a elaboração do artigo. Assim, o artigo pode ser elaborado em conformidade com as normas do periódico escolhido, eliminando a etapa de adequação às normas. Existem diversas ferramentas de IA que auxiliam na seleção de periódicos. Atualmente, a maioria das grandes editoras comerciais possui tais ferramentas. São exemplos: *Elsevier Journal Finder*^d, *Springer Journal Finder*^e, *Taylor & Francis Journal Suggester*^f e *Wiley Journal Finder*^g. Na área da saúde, é recomendado o JANE (*Journal/Author Name Estimator*)^h, uma ferramenta gratuita, na qual basta colar o título ou o resumo do artigo, para encontrar tanto uma revista para a qual o artigo se alinharia ao escopo, como artigos semelhantes, ou mesmo potenciais avaliadores para um determinado artigo.

Revisão da literatura

A revisão da literatura é outra etapa que também deve ser completada previamente ao início da redação do artigo. A compilação do conjunto de artigos a serem citados, principalmente nas seções de introdução e discussão, pode ser facilitada com o apoio de ferramentas de IA especializadas em busca. Essas ferramentas geralmente realizam buscas em ferramentas abertas de busca de informações científicas, como por exemplo, o *Semantic Scholar*ⁱ e o *OpenAlex*^j. O cuidado que se deve ter aqui é que os periódicos e artigos indexados nessas bases nem sempre são de boa qualidade, o que talvez exija um olhar mais afiado do pesquisador para identificar artigos relevantes e academicamente bem elaborados.

Tais ferramentas podem ajudar a identificar artigos relevantes na área e revisões de literatura que podem ser úteis para contextualizar o tema do artigo e apontar lacunas, compondo o corpo de citações da introdução. Também podem ajudar a localizar artigos semelhantes, cujos resultados possam dialogar com o artigo em tela, que sejam úteis para compor a discussão. Existem ferramentas que podem ser usadas para a recuperação de referências, e outras que são especializadas na elaboração de sínteses do conteúdo.

Gestão de citações e referências

Uma etapa bastante trabalhosa e demorada na elaboração de artigos científicos é a organização das citações e referências. Ferramentas de gestão de referências bibliográficas, como Zotero^k, EndNote^l e Mendeley^m são bastante

^d <https://journalfinder.elsevier.com/>

^e <https://link.springer.com/journals>

^f <https://authorservices.taylorandfrancis.com/publishing-your-research/choosing-a-journal/journal-suggester/>

^g <https://www.wiley.com/en-us/journal-finder/>

^h <https://jane.biosemantics.org/>

ⁱ <https://www.semanticscholar.org>

^j <https://openalex.org>

^k <https://www.zotero.org/>

^l <https://endnote.com/>

^m <https://www.mendeley.com/>

úteis para a formatação automática de citações e referências em normas específicas (como Vancouver, Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, Associação Americana de Psicologia – APA etc.). Recentemente, foram lançados recursos de IA que podem ser integrados a essas ferramentas. Por exemplo, o Zotero é uma ferramenta gratuita e de código aberto usada para organizar bibliotecas de referências e formatar citações e listas de referências. O ZotAI é uma ferramenta complementar que se conecta à biblioteca do Zotero e permite analisar e ler os documentos usando IA. O uso dessas ferramentas traz agilidade para a formatação das citações e referências, com a vantagem aliada de reduzir a possibilidade de erros no pareamento entre citações e referências, que são comuns quando o processo é feito de forma manual.

Produção de sínteses e visualizações

A síntese de texto é a atividade mais comum de ferramentas gerais, como os *chatbots*. Mas mesmo as ferramentas que apoiam a gestão de referências podem possuir serviços de síntese de texto. Para além da síntese textual, atualmente existem ferramentas de IA que podem ser usadas para a criação de gráficos e diagramas a partir de informações fornecidas via comandos ou a partir de conjuntos de dados. Tais figuras podem ser usadas para ilustrar algum aspecto no artigo, por exemplo, um modelo teórico, as etapas do procedimento de amostragem adotado no estudo ou a relação entre categorias ou variáveis analisadas. Infográficos e vídeos podem ser usados como sínteses visuais (*visual abstracts*) dos artigos.

Limites das ferramentas de IA

É amplamente reconhecido que o uso indiscriminado de ferramentas de IA pode comprometer a integridade científica. Os *chatbots* são ferramentas de IA generativa que produzem uma ampla gama de conteúdo, com base em um grande volume de dados preexistentes. A depender da forma como essas ferramentas são usadas, o termo de uso permite a apropriação do conteúdo que é fornecido pelo usuário – por exemplo, com a finalidade de revisar, formatar ou editar um texto – para compor sua própria base de aprendizado. A WAME adverte sobre a retenção do conteúdo acadêmico gerado ou editado por ferramentas de IA, havendo a possibilidade de que tal conteúdo apareça em respostas futuras, o que implica risco de plágio inadvertido. Além disso, os usuários devem estar cientes sobre o risco de quebra de confidencialidade ao fornecerem a *chatbots* o conteúdo parcial ou integral de seu trabalho⁹.

Outro problema importante e recorrentemente relatado é o fato de que tais ferramentas geram “alucinações”, ou seja, são capazes de criar referências, dados e fatos que podem parecer convincentes, mas são falsos, ou imprecisos. Um estudo recente aponta a alarmante quantidade de artigos publicados que incluem referências falsas geradas por IA, variando de 2% a 6% dos artigos com referências fabricadas¹⁷. Face a isso, deve ser destacada a responsabilidade dos autores pelo conteúdo publicado. É consenso que ferramentas de IA não podem ser listadas como autores, pois não são capazes de assumir a responsabilidade pelo conteúdo.

A publicação faz parte do ciclo de produção de conhecimento científico e tem a redação como uma etapa primordial. A redação é trabalhosa, demanda extensa carga de leitura e habilidades de organização de ideias e escrita acadêmica. Além de contextualizar o tema estudado, justificar a realização do estudo, descrever os métodos da pesquisa e apresentar os resultados, um artigo contempla também a discussão, seção importante, na qual é realizado o diálogo entre os resultados do estudo que está sendo relatado e a literatura pertinente. Também é a seção na qual são apresentadas recomendações para pesquisas futuras, apontadas lacunas ainda existentes, bem como ideias para novas investigações. O uso inadequado de IA pode levar à falta de originalidade, devido à limitação da capacidade dessas ferramentas para gerar novas ideias. Também favorece a perpetuação de vieses, uma vez que os algoritmos tendem a reproduzir os vieses presentes nos dados de treinamento.

Devido a esses limites, as políticas editoriais das revistas científicas declaram o que é ou não permitido em relação ao uso de ferramentas de IA. Na maioria dos casos, esse uso é permitido para aprimoramento do texto, visando corrigir erros de redação e propor o uso de termos ou frases mais claras, ou mais compreensíveis ao público leitor,

bem como para organizar referências. Por outro lado, é proibido o uso para gerar, manipular ou redigir o relato da pesquisa, de seus resultados e partes extensas do artigo¹⁸.

Boas práticas no uso da IA na elaboração de artigos

As normas sobre boas práticas estão avançando à medida que evoluem as tecnologias. Há consenso de que as ferramentas de IA devem ser usadas de forma responsável e seu uso deve ser documentado de forma transparente, em alinhamento com as boas práticas na pesquisa e na publicação científica. O uso não declarado de ferramentas de IA pode requerer ações corretivas e pode ser considerado má conduta e levar, em casos extremos, à retratação do artigo¹⁹.

Com a disseminação do uso de ferramentas de IA, as práticas que são tradicionalmente consideradas quebra de integridade ou má conduta científica, como falsificação, manipulação, plágio e atribuição espúria de autoria, também são disseminadas e alçadas a outro patamar. As revistas têm recebido um grande número de artigos nos quais há indícios, ou mesmo evidências, de uso de ferramentas de IA que não é reportado adequadamente pelos autores²⁰. Os editores científicos sempre foram imbuídos da responsabilidade de verificar os requisitos da ética e da integridade na pesquisa científica em uma etapa na qual a pesquisa já foi conduzida e seus resultados foram relatados. Muitas vezes, quebras de integridade não são detectadas nas etapas do fluxo editorial – triagem, avaliação por editores e pares externos, aprovação editorial – e os manuscritos acabam sendo retratados. O uso disseminado de ferramentas de IA impõe aos editores uma camada adicional de responsabilidade, uma vez que essas ferramentas facilitam a fabricação de dados, resultados, ou mesmo de artigos inteiros, e também podem comprometer a integridade das declarações de autoria.

Um dos primeiros limites no uso de ferramentas de IA expresso pelas entidades representantes de editores científicos foi a vedação à caracterização dessas ferramentas como autores. De forma unânime, há o entendimento de que as ferramentas de IA não podem ser listadas como autores, pois não podem ser responsabilizadas pela acurácia, integridade e originalidade do trabalho, que são requisitos indispensáveis da autoria. De acordo com as recomendações do ICMJE, em sua versão de janeiro de 2026²¹, a revista deve solicitar aos autores que informem na submissão se usaram ferramentas de IA na elaboração do trabalho. Os autores que usaram tais tecnologias devem descrever, na carta de submissão e na seção de métodos do artigo, quando pertinente, o que usaram, para qual finalidade e como usaram. Os autores são responsáveis por todo o material submetido, inclusive por aquele gerado por ferramentas de IA. Portanto, devem revisar atentamente todo o material gerado por IA que possa estar incorreto, incompleto ou enviesado. Devem garantir que não haja plágio e que os documentos citados estejam corretamente atribuídos. Também não é aceitável referenciar material gerado por IA como fonte primária.

Considerações finais

Embora o uso de ferramentas de IA possa facilitar a elaboração de um artigo científico, ela não deve substituir o pensamento crítico e o conhecimento científico do pesquisador. Todo o conteúdo produzido ou assistido por tecnologia de IA deve passar por verificação humana, para garantir a acurácia e evitar erros.

A declaração do uso de IA é um princípio fundamental que se caracteriza como uma prática de integridade. Todo o uso de IA deve ser informado pelos autores no momento da submissão, de forma clara e detalhada, incluindo o nome e a versão da ferramenta utilizada, a finalidade do uso e o modo pelo qual foi usada.

É potencialmente problemática a inserção de materiais não publicados e de informações confidenciais ou sensíveis, como dados de participantes de pesquisas, em ferramentas de IA. O uso dos serviços gratuitos de ferramentas de IA tem como custo oculto a cessão, pelo usuário, de todo o conteúdo inserido na ferramenta em suas interações para uso em futuros treinamentos e aperfeiçoamento do modelo. Dados os custos associados ao treinamento e aperfeiçoamento, esse uso não ocorre imediatamente, mas ocorre num horizonte de seis meses a um ano. Considerando que muitas revistas levam prazo superior a esse para avaliar e publicar um artigo submetido, não é possível garantir o ineditismo, pois a IA poderá ter usado estes dados.

O uso ético de tais ferramentas depende das pessoas, de todas aquelas que participam do ecossistema da ciência e da publicação: pesquisadores, autores, avaliadores e editores. É fundamental a capacitação para o uso adequado e seguro das ferramentas de IA desde a formação dos pesquisadores. E dado que as tecnologias estão em rápida evolução, é necessário que as diretrizes para seu uso acompanhem o passo, para permitir o avanço da ciência com garantia da integridade em todas as etapas da pesquisa e da publicação científica.

Referências

1. Vaswani A, Shazeer N, Parmar N, Uszkoreit J, Jones L, Gomez AN et al. Attention is all you need. In: Proceedings of the 31st Conference on Neural Information Processing Systems (NIPS 2017); 2017 Dec 4-9; Long Beach, CA. Bellefontaine: NIPS; 2017. p. 1–11.
2. Bender EM, Gebru T, McMillan-Major A, Shmitchell S. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? In: Proceedings of the 2021 ACM FAccT Conference. New York: ACM; 2021 [citado 17 maio 2026]. p. 610-23. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3442188.3445922>
3. Al-Amin M, Ali MS, Salam A, Khan A, Ali A, Ullah A, et al. History of generative Artificial Intelligence (AI) chatbots: past, present, and future development. ArXiv. Feb 4, 2024 . <https://doi.org/10.48550/arXiv.2402.05122>
4. Santaella L. Balanço crítico preliminar do ChatGPT. Rev Famecos. 2023;30(1):e44380. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.44380>
5. Thorp HH. ChatGPT is fun, but not an author. Science. 2023;379(6630):313. <https://doi.org/10.1126/science.adg7879>
6. Stokel-Walker C. AI bot ChatGPT writes smart essays: should professors worry? Nature. Dec 9, 2022. <https://doi.org/10.1038/d41586-022-04397-7>
7. Fengchun M, Wayne H. Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa. Paris: Unesco; 2024.
8. International Committee of Medical Journal Editors. Recommendations for the conduct, reporting, editing, and publication of scholarly work in medical journals. Vancouver: ICMJE; 2023 [citado 20 mar 2026]. Disponível em: <http://www.icmje.org/recommendations/>
9. Zielinski C, Winker MA, Aggarwal R, Ferris LE, Heinemann M, Lapeña JF et al. Chatbots, IA generativa e manuscritos acadêmicos: recomendações da WAME sobre chatbots e inteligência artificial generativa em relação a publicações acadêmicas. Braspen J. 2024;39(2):112-8. <https://doi.org/10.37111/braspenj.2024.39.1.18>.
10. European Association of Science Editors. Recommendations on the use of ai in scholarly communication. London: EASE; 2024[citado 17 maio 2026]. Disponível em: <https://ease.org.uk/2024/09/recommendations-on-the-use-of-ai-in-scholarly-communication/>
11. Scientific Electronic Library Online. Guia de uso de ferramentas e recursos de Inteligência Artificial na comunicação de pesquisas na Rede SciELO (versão preliminar). São Paulo: SciELO; 2023[citado 17 maio 2026]. Disponível em: <https://www.scielo.org/documents/30/Guia-de-uso-de-ferramentas-e-recursos-de-IA-20230914.pdf>
12. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (BR). Portaria Nº 2.664, de 6 de março de 2026. Institui a política de integridade na atividade científica do CNPq. Diário Oficial da União. 11 mar 2026.
13. Del Giglio A, Costa MUP. The use of artificial intelligence to improve the scientific writing of non-native English speakers. Rev Assoc Med Bras. 2023;69(9):e20230560. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.20230560>.
14. Granjeiro JM, Cury AADB, Cury JA, Bueno M, Sousa-Neto MD, Estrela C. The future of scientific writing: ai tools, benefits, and ethical implications. Braz Dent J. 2025;36(1):1-10. <https://doi.org/10.1590/0103-644020256471>
15. Opdyke A. Sharpening the pencil, not replacing the hand: de-stigmatising AI use in research writing. Learn Publish. 2026;39(2):145-52. <https://doi.org/10.1002/leap.2055>
16. Naddaf M, Quill E. Hallucinated citations are polluting the scientific literature. What can be done? Nature. 2026;652(8108):26-9. <https://doi.org/10.1038/d41586-026-00969-z>
17. Mohammadi E, Thelwall M, Cai Y, Collier T, Tahamtan I, Eftekhari A. Is generative AI reshaping academic practices worldwide? A survey of adoption, benefits, and concerns. Inf Process Manage. 2026;63(1):104350. <https://doi.org/10.1016/j.ipm.2025.104350>
18. Anwar M. The ghost in the machine: why generative AI is a crisis of authorship, not just a tool. The Scholarly Kitchen. Jan 22, 2026 [citado 17 maio 2026]. Disponível em: <https://scholarlykitchen.sspnet.org/2026/01/22/guest-post-the-ghost-in-the-machine-why-generative-ai-is-a-crisis-of-authorship-not-just-a-tool/>

19. Nicholas D, Herman E, Clark D, Abrizah A, Revez J, Rodríguez-Bravo B et al. Integrity and Misconduct, Where Does Artificial Intelligence Lead? *Learn Publ.* 2025 Jul 8;38(3):210-22. <https://doi.org/10.1002/leap.2013>
20. He Y, Bu Y. Academic journals' AI policies fail to curb the surge in AI-assisted academic writing. *Proc Natl Acad Sci U S A.* 2026;123(9):e2526734123. <https://doi.org/10.1073/pnas.2526734123>
21. International Committee of Medical Journal Editors. Recommendations for the conduct, reporting, editing, and publication of scholarly work in medical journals. Updated January 2026. Vancouver: ICMJE; 2026 [citado 17 maio 2026]. Disponível em: https://www.icmje.org/news-and-editorials/updated_recommendations_jan2026.html